

GUILHERME DE ALMEIDA EM REVISTAS: A POESIA PUBLICADA NOS PERIÓDICOS MODERNISTAS

André Felipe Barbosa da Silva Santos
Mestrando em Letras – Estudos Literários
Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – Campus Guarulhos
Agência de fomento: CAPES

RESUMO: O debate em torno do papel das revistas literárias como parte essencial do movimento modernista tem recebido atenção mais cuidadosa da crítica literária contemporânea (MARQUES, 2013; TITAN JÚNIOR & PUNTONI, 2015). Nesse sentido, o objetivo deste texto é apresentar possíveis comentários acerca de dois poemas escritos por Guilherme de Almeida (1890-1960) e publicados em duas revistas literárias. São eles: o primeiro, “Sobre a saudade”, foi publicado na edição de estreia de *Klaxon* (1922); o segundo, “Velocidade (96 quilômetros por hora)”, estampou as páginas da revista carioca *Estética* (1924). O olhar sobre esses poemas nos permitiria entender como o poeta compreendeu os valores da modernidade no início do século XX e colocou-os em circulação mais ampla através desses veículos.

PALAVRAS-CHAVE: Guilherme de Almeida; *Klaxon*; *Estética*; Poesia.

Introdução

A modernidade é há tempos uma ideia compacta e articulada, ilustrada em detalhe por centenas de livros e milhares de verbetes bibliográficos. A crítica literária ligada ao ensino e à pesquisa universitária trabalhou bem. Terrenos pantanosos foram beneficiados. Bosques foram atravessados por avenidas panorâmicas. Pradarias acidentadas agora se apresentam como campos de terra batida, munidos de pracinhas, grades de proteção e banquinhos. Onde os poetas naufragaram e se afogaram como outros derrelitos comuns foi construído um esplêndido e confortável hotel com vista para o mar. (BERARDINELLI, 2007, p.66)

A “modernidade” vem sendo debatida há tempos pelos estudiosos de literatura, em seus mais diversos gêneros. Um árduo trabalho feito pela crítica literária tem beneficiado “terrenos pantanosos”. Destaco as “grades de proteção e banquinhos” como parte de um cenário anteriormente conturbado e, muitas vezes inacessível. A citação, extraída do pensamento elaborado por Alfonso Berardinelli, pode ser um importante ponto de partida para o exercício reflexivo que ora se apresenta. O debate acerca do papel das revistas literárias como parte essencial do movimento modernista tem recebido atenção mais cuidadosa da crítica literária contemporânea (MARQUES, 2013; TITAN JÚNIOR & PUNTONI, 2015). Com base nisso, o estudo da literatura produzida e veiculada por meio de periódicos abre espaço para que possamos entender

como os artistas compreenderam os valores da modernidade no início do século XX e os colocaram em circulação mais ampla através desses veículos. Tendo esse horizonte em vista, o propósito deste trabalho consiste em apresentar a produção literária de Guilherme de Almeida (1890-1960) publicada em dois periódicos modernistas nos anos iniciais da década de 1920, seguidos de breves comentários que possibilitariam enxergar traços de um estilo de escrita que posicionaria o autor, de forma crítica, diante dos anseios e debates levantados por seus contemporâneos. Foram selecionados para essa ocasião: “Sobre a saudade”, publicado no primeiro número da revista *Klaxon* (1922); “Velocidade (96 quilômetros por hora)” estampou as páginas da carioca *Estética* (1924).

O recorte que ora é trazido à reflexão faz parte de um projeto de mestrado intitulado “Guilherme de Almeida em revistas: a poesia publicada nos periódicos modernistas¹”, o qual tem como objetivo principal reunir e analisar quinze poemas publicados em oito revistas literárias do sudeste do Brasil, entre os anos de 1922 e 1929. São elas: *Klaxon* (1922); *Árvore Nova* (1923); *Estética* (1924), *Terra Roxa e outras terras* (1925); *A revista* (1926); *Verde* (1927); *Revista de Antropofagia* (1928) e *Movimento Brasileiro* (1929). Pretende-se apresentar um estudo da poesia de Guilherme de Almeida, destacando o movimento dos poemas entre as revistas e o que foi publicado posteriormente em livro. Nesse sentido, espera-se fomentar o debate intelectual sobre os traços estilísticos de sua escrita poética no período em questão. O presente levantamento trará luz a aspectos ainda não explorados pela crítica literária, com um olhar sobre um dos poetas mais envolvidos com a divulgação dos ideais modernistas, embora ainda pouco lido e estudado na contemporaneidade.

Em 1916, publica duas peças de teatro com a colaboração de Oswald de Andrade: *MonCoeur Balance* e *LeurÂme*. Em 1917, estreia no gênero poesia, ao qual mais se dedicou e tornou-se famoso. O primeiro livro, *Nós*, foi sucesso de público e crítica. Em 1919, outros dois volumes de poemas

¹A pesquisa em andamento é orientada pela Prof.^a Dr.^a Mirhiane Mendes de Abreu, do departamento de Letras da Universidade Federal de São Paulo (Campus Guarulhos) e tem auxílio financeiro da CAPES.

apontavam para uma carreira de sucesso: *Dança das horas* e *Messidor*. A década de 1920 trouxe um período de repercussão nacional e, com isso, ajudou a firmar o nome de Guilherme de Almeida como uma das principais figuras do movimento modernista. A sua proximidade com Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti e Menotti del Picchia, entre outros artistas, fez com que atuasse decisivamente para a concepção e realização da Semana de Arte Moderna, considerada o estopim do movimento em São Paulo. Ainda sob o calor da repercussão da Semana, ajudou a organizar a revista *Klaxon*, considerada a primeira revista literária inteiramente voltada aos ideais dos “jovens de 22” (BOSI, 2003). Nela, estão presentes cinco dos quinze poemas que compõem o *corpus* desse projeto. Além de ser um dos editores, assinou a capa da revista e foi o responsável pela criação de propagandas dos anunciantes nas páginas do periódico. O engajamento na organização das revistas não parou no ano de 1922. Unindo-se a um grupo de artistas de Porto Alegre, envolveu-se na criação do semanário *Madrugada*, cuja circulação aconteceu entre setembro e dezembro de 1926. Nesse sentido, traz-se à tona a relevância das contribuições do poeta em âmbito nacional. Passemos à revista *Klaxon*, a qual teve a sua primeira edição publicada no dia 15 de maio de 1922.

Guilherme de Almeida e os *Klaxistas*

Klaxon, buzina presente na parte externa dos veículos, tinha por principal objetivo atrair a atenção de todos depois dos eventos da Semana de Arte Moderna. As nove edições do “mensário de arte moderna” vieram a público a partir de maio de 1922. O editorial da primeira edição foi assinado pela “Redação”. Ivan Marques aponta para a autoria de Mário de Andrade e esclarece o procedimento:

A falta de assinaturas e o uso reiterado de pseudônimos, resultando muitas vezes em efeitos de humor, lembram procedimentos típicos de vanguarda, que dessa forma se introduzem na seriedade do discurso intelectual. Mesmo quando assumida por seu autor, a escrita das revistas guarda

sempre um traço de pluralidade, como se elas só pudessem existir a partir da ação organizada de grupos (MARQUES, 2013, p.18).

O aspecto gráfico da revista, com fontes grandes para as letras e números das páginas, além de uma capa inovadora e anúncios diferenciados, chamou a atenção da crítica literária do período. Lima Barreto se manifestou sobre a publicação: “Em começo pensei que se tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos” (LARA, 1972, p.24). *Klaxon*, com redação e administração em São Paulo, representação no Rio de Janeiro, Bélgica e Suíça, contou com a participação de diversos artistas e intelectuais estrangeiros. A língua parecia não ser um obstáculo, já que a revista publicou textos em francês e poemas em língua espanhola.

Embora não há alguma indicação de quem compunha a chamada “Redação”, a revista contou com a colaboração ativa de Mário de Andrade e Oswald de Andrade, além de Luiz Aranha, Antônio Couto de Barros, Rubens Borba de Moraes, Sérgio Milliet, Tácito de Almeida e Guilherme de Almeida. Esse último, além de contribuir com textos poéticos e crítica literária, foi o grande responsável pela criação da polêmica capa da revista e diversas peças publicitárias, como a famosa “coma Lacta”. O ineditismo não foi bem aceito pelos empresários, os quais cancelaram os anúncios a partir do quarto número.

Sobre a poesia de Guilherme de Almeida publicada nas páginas de *Klaxon*, Ivan Marques o associa a Menotti del Picchia e afirma que seu “[...] modernismo sereno destoava do clima revolucionário daquele ano de 1922” (MARQUES, 2013, p.65). A visualização da página na qual o poema foi publicado em *Klaxon* nos permite afirmar que o texto poético pertencia, originalmente, a um conjunto de poemas intitulado *Canções Gregas*. O livro, com trinta e quatro poemas, permaneceu inédito até o ano de 1924. Nessa data, o volume foi publicado sob o título *A fruta que eu perdi (Canções Gregas)*. Repleto de referências clássicas, com a retomada de vários lugares comuns alegóricos, o volume de poemas se constitui como uma valiosa ferramenta para a compreensão da adesão de Guilherme de Almeida ao movimento modernista, bem como de seu projeto estético. Os poemas foram

escritos no período de 1921 e 1922². Mário da Silva Brito, ao apresentar os *antecedentes da Semana de Arte Moderna*, destaca um breve comentário acerca do volume de poemas, apontando para a leitura dele feita por Oswald de Andrade e publicada no *Jornal do Comércio*, edição de São Paulo, em 12 de junho de 1921. O autor de *Serafim Ponte Grande* assim se expressa, comentando o poema “Epígrafe” que abre o livro: “[...] Guilherme está a par do empolgante movimento contemporâneo de arte nova e apenas restringe as liberdades da poesia à conservação da rima, pois que ela é a única corda que acrescentamos à lira grega” (ANDRADE, 1921 *apud* BRITO, 1964, p.242).

Reproduzo abaixo o texto tal qual foi publicado pela Livraria Martins Fontes em 1952, por ocasião da reunião de toda a poesia do escritor, organizada em seis tomos. Em comparação com a revista, não houve alteração alguma no que diz respeito à escolha dos vocábulos, mudança de tempo verbal ou troca de versos entre as versões; somente a necessária atualização ortográfica. O primeiro deles foi publicado na página 7 do primeiro número de *Klaxon*:

Sobre a saudade

Na madrugada toda rósea,
eu desci ao fundo do vale verde
enfeitado de bruma,
para encher meu cântaro de argila porosa
numa água noturna
que foi o espelho das estrelas.

Quando a sede
pôs um beijo seco, de fogo, em minha boca,
eu estendi meus lábios para a argila fosca:
- e o reflexo branco de uma estrela gelada
Boiava na superfície da água exilada. (ALMEIDA, 1952, p.21-2)

“Sobre a saudade”, escrito em versos livres, apresenta um eu lírico expresso em primeira pessoa (“eu desci”; “encher meu cântaro”; “minha boca”;

²A publicação de *Toda a Poesia* de Guilherme de Almeida (1952), pela Livraria Martins Fontes, apresenta a data de composição de cada obra, salientando que a editora observara a “[...] a ordem cronológica da composição, e não a da publicação dos vários livros”. Essa informação foi extraída da folha de rosto do *Tomo IV*, que reúne as seguintes obras: *Canções Gregas* (1921-1922); *O festim* (1922); *Meu* (1922-1923) e *Raça* (1925).

“eu estendi meus lábios”) em um episódio noturno (“madrugada”; “água noturna”). Nesse momento, a voz do eu lírico relata a descida a um vale verde com o intuito de encher o cântaro de argila porosa numa água que fora “o espelho das estrelas”. A sede, personificada, provoca um fogo, o qual se materializa na forma de beijo. Essa ação provoca um contraste entre os elementos “fogo” e “água”, ao mesmo tempo em que se completam. O eu lírico passa a beber das águas que recolhera na “água noturna”. A “água exilada” no cântaro de argila porosa passa a refletir o branco de uma estrela, a qual se encontrava morta, “branca” e “gelada”.

O poema relata a passagem da vida para a morte de uma estrela e a saudade que o eu lírico expressa no contato com os elementos da natureza (fogo e água). Esse sentimento é expresso através: dos lábios, os quais recebem o “beijo seco” e tocam o “cântaro de argila fosca”; dos olhos que enxergam “o reflexo branco de uma estrela gelada [que] boiava na superfície da água exilada”. As cores são vivas na primeira estrofe (a madrugada é “rósea”; o vale é “verde”). Há, na escuridão do ambiente retratado, espaço para as diferentes cores em um “vale enfeitado de bruma”. Na segunda estrofe, o beijo é de “fogo” e “seco”; a água exilada refletia o “branco” de uma estrela em um cântaro de argila “fosca”.

Qual seria, portanto, a relação entre a saudade expressa no poema e a proposta vanguardista do grupo de *Klaxon*? Mesmo no interior da “buzina”, capaz de provocar barulho e chamar a atenção de todos, há uma volta à tradição, a qual provocaria saudades por estar configurada em um novo tempo. Tradição que é revisitada através do “provincianismo” (BERARDINELLI, 2007) da paisagem descrita. O aparente “não-conformismo” com a linguagem utilizada pela literatura até o início do século XX, proposta pelos “klaxistas”, parece não encontrar lugar na poesia de Guilherme de Almeida, o qual recorre à tradição grega para retratar a realidade provinciana de um novo modo.

Guilherme de Almeida e *Estética*

“Novo”; “novidade”; “juventude”, “mocidade” e outros vocábulos pertencentes ao mesmo campo semântico eram frequentes nas publicações periódicas do período. Esses termos e seus contrários (velho, antiguidade, tradição, etc.) constituiriam um terreno propício à discussão da apropriação dos valores da modernidade. Nesse sentido, seriam por vezes contraditórios por expressarem paradigmas que se interpenetram. Se tomarmos como ponto de partida algo “novo”, assumimos a existência de um “velho”. Se falarmos em “ruptura”, afirmamos de certa forma a “tradição” (COMPAGNON, 1996). Essas palavras apareceram com frequência no primeiro número da revista *Estética*, a qual veio a público em setembro de 1924. A proposta envolvia uma publicação trimestral sob direção e administração de Prudente de Moraes Neto e Sérgio Buarque de Holanda. O editorial, “Mocidade e Estética” foi assinado por Graça Aranha, o qual optou por conduzir o leitor para uma reflexão histórica a fim de compreender a relação da “mocidade” e a nação. Segundo ele, todos os grandes eventos que mudaram o curso da história nacional, tais como abolição e república, contaram com a participação de jovens ávidos por conhecimento. Essa revista sucedeu a *Klaxon*, inclusive com a migração de componentes do periódico paulista, tais como Mário de Andrade, Menotti del Picchia, Couto de Barros, Sérgio Milliet, Renato Almeida e Guilherme de Almeida. Na edição *fac-similar* de *Estética*, Pedro Dantas, pseudônimo do Prudente de Moraes Neto, faz uma introdução intitulada “Vida da Estética e Não Estética da Vida”, na qual se refere ao nome revista e ao editorial publicado:

O generoso oferecimento do artigo de apresentação era irrecusável. O nome de *Estética*... Bem, Sérgio passou algumas noites a extrair de sua cultura, já então de opulência insondável, uma série de tangentes por onde pudéssemos justificar esse título. [...] A primazia da publicação do ensaio “Mocidade e Estética” (ao qual o escritor acrescentou algumas linhas em nossa intenção) foi a recompensa de nossa renúncia. Dias depois, recebíamos os originais manuscritos, no belo cursivo do romancista de *Canaã*. Valeu a pena. Era ao menos, um nome de imenso prestígio a nos acobertar a aventura (DANTAS, 1974, p.12).

A participação do poeta de *Messidor* no interior do periódico carioca foi tão marcante quanto em sua antecessora, a *Klaxon*. No primeiro número da revista, a qual trazia um conceito gráfico parecido com a da publicação paulistana, foram publicados dois poemas assinados por Guilherme de Almeida: “A flor de cinza (Theoria do Amor)”, ocupando as páginas 37 a 39; e o poema “Velocidade (96 quilômetros por hora)”, disposto a partir do meio da página 39 até a página 40. Em todas as páginas há a indicação do número (no canto superior direito ou esquerdo, de forma bem mais discreta se levarmos em consideração o aspecto gráfico de *Klaxon*, seguidos do nome da revista, em caixa alta). Passemos à leitura do poema³:

Velocidade (96 quilômetros por hora)

Não se lembram do Gigante das Botas de Sete Léguas?
Lá vai ele: vai varando, no seu vôo de asas cegas,
as distâncias...
E dispara,
nunca pára,
nem repara
para os lados,
para frente,
para trás...
Vai como um
pária...
E vai levando um novêlo embaraçado de fitas:
fitas
azuis,
brancas,
verdes,
amarelas...
imprevistas...
Vai varando o vento: — e o vento, ventando cada vez mais,
desembaraça o novêlo, penteando com dedos de ar
o feixe fino de riscas,
tiras,
fitas,
faixas,
listas...
E estira-as,
puxa-as,
estica-as,
espicha-as bem para trás:

³ Como informado em nota anterior, apresento o poema tal qual publicado pela editora Martins Fontes (1952), no Tomo V de *Toda a Poesia*. Nesse volume, estão reunidos os livros *Encantamento* (1921-1925), *Acaso* (1924-1928) e *Você* (1931).

E as cores retesas, sobem, descem DE-VA-GAR
paralelamente,
paralelamente,
horizontais,
sobre a cabeça espantada do Pequeno Polegar...
(ALMEIDA, 1952, p.95-6)

O texto, em relação à versão da revista, apresenta uma diferença: o subtítulo “96 quilômetros por hora”, presente nas páginas de *Estética*, não foi mantido quando o poema foi reunido posteriormente em livro. O volume de poesia que o abrigou foi *Encantamento*, com composições escritas entre os anos de 1921 e 1925. O livro possui quatro subdivisões: “O reino encantado”, “Sugerir”, “Alma” e “Sete poemas”. “Velocidade” está inserido nesta última parte. Existe uma pergunta, proferida no primeiro verso: “Não se lembram do Gigante das Botas de Sete Léguas?”. A resposta pode ser encontrada nos versos seguintes, os quais são dispostos de forma não tradicional na página.

A maneira pela qual os versos estão apresentados nos remete ao movimento do gigante das botas, além de uma clara estrutura sonora, representados ora pela grafia das palavras em caixa alta, ora pelas rimas. Eis um exemplo: “E dispara/ nunca para/ nem repara”; aliteração, a qual é representada pela repetição do fonema /v/, tal qual expresso em: “Vai varando o vento: - e o vento, ventando cada vez mais”; assonância, pela repetição da vogal “a”: “E estira-as,/ puxa-as,/ estica-as,/ espicha-as bem para trás:”. Há um movimento das cores das fitas (“azuis,/ brancas,/ verdes,/ amarelas,/ imprevistas”), as quais são ativadas com o movimento do gigante: “E as cores retêsas, sobem, descem DE-VA-GAR/ paralelamente,/paralelamente,/ horizontais”. As cores e formas se movimentam no “vôo de asas cegas” do gigante até descerem devagar sobre a “cabeça espantada do Pequeno Polegar”. Dessa forma, levanto a hipótese de que a velocidade descrita no texto poético seria uma resposta e, nesse sentido, estaria em plena concordância com os valores expressos pelo editorial da revista. Sendo assim, o jovem revolucionário, preocupado com a renovação cultural, ao ser ativado, movimentaria as cores e as formas de todo um movimento intelectual na nação.

Considerações finais

A adesão de Guilherme de Almeida aos ideais modernistas não se deu de forma passiva, como a leitura dos poemas apontou. Sobre a relevância do artista no interior do movimento modernista, em suas mais diversas manifestações, afirma Ledo Ivo, em artigo publicado no jornal *O Estado de São Paulo*, em 27 de junho de 1971:

Talvez mais do que nenhum outro dos participantes da Semana de Arte Moderna, Guilherme de Almeida viveu o drama da conciliação estética do novo com o velho, da fôrma com a forma, da tradição com a invenção, da rotina e do automatismo das receitas com o clamor da criatividade. Destoando da quase totalidade de seus companheiros de geração, ele sabia seus gregos e latins – era portador de uma formação humanística que, pelo peso exemplar, o convidava às fidelidades e referências mais diversas. [...] Guilherme de Almeida impõe à fase inaugural do modernismo (e de resto a todo o movimento) o selo inconfundível de seu virtuosismo. Ao contrário de seus pares, não o seduzem a chacota, o poema-piada, o prosaísmo que não se dessedenta na fonte do ritmo e da musicalidade. Moderno, seu jogo poético não se arreda de certa gravidade [...] (IVO, 1971).

A participação do artista em meio às publicações periódicas demonstra um profundo afinamento com as questões estéticas e culturais do início do século XX no Brasil. Fator que não impediu que o artista respondesse, por meio de seus poemas, aos anseios dos grupos que se reuniam em torno das revistas literárias. A conciliação do “novo com o velho”, além de sua pesquisa e “formação humanística” o convidou, como explicitado a partir dos poemas, “às fidelidades e referências mais diversas”. De um lado, temos um conservadorismo expresso na saudade do eu lírico que estampa a página de *Klaxon*. Dois anos mais tarde, podemos ver o poeta em total concordância com a proposta carioca da revista *Estética* a partir da imagem de um gigante que desbrava caminhos à sua frente.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, Guilherme de. Sobre a saudade (das “Canções Gregas”). In: *Klaxon*: mensário de arte moderna. n.1. São Paulo: [s.n.], 1922. p. 7.

_____. Velocidade (96 quilômetros por hora). In: *Estética*, ano 1, n.1. Rio de Janeiro: Livraria Odeon, 1924. p.39-40.

_____. *Toda Poesia* (Tomos IV e V). São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1952.

ANDRADE, Oswald de. Literatura Contemporânea. In: *Jornal do Comércio* (edição de São Paulo) – 12 de junho de 1921.

BERARDINELLI, Alfonso. Cosmopolitismo e provincianismo na poesia moderna. In: *Da poesia a prosa*. São Paulo: Cosacnaify, 2007. p. 59-91.

BOSI, Alfredo. Moderno e modernista na literatura brasileira. In: *Céu, Inferno*: ensaios de crítica literária e ideológica. São Paulo: Duas Cidades, 2003. p.209-226.

BRITO, Mário da Silva. *História do Modernismo Brasileiro*: antecedentes da Semana de Arte Moderna. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1964.

COMPAGNON, Antonie. O prestígio do novo: Bernard de Chartres, Baudelaire, Manet. In: *Os cinco paradoxos da modernidade*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1996. p. 15-36.

DANTAS, Pedro. Vida da Estética e não Estética da Vida. In: *Estética*: 1924/1925, edição fac-similar. Rio de Janeiro: Gernasa, 1974. p.10-25.

IVO, Ledo. Sobre a poesia de Guilherme de Almeida e o modernismo. In: *O Estado de São Paulo* - 27 de junho de 1971. Disponível em: <http://literalmeida.blogspot.com.br/2009/07/julho-mes-guilherme-de-almeida.html>. Acesso em: 15, ago, 2015.

LARA, Cecília de. *Klaxon & Terra roxa e outras terras*: dois periódicos modernistas de São Paulo. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1972.

MARQUES, Ivan. *Modernismo em revista*: estética e ideologia nos periódicos dos anos 1920. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2013.

TITAN JUNIOR, Samuel de Vasconcelos & PUNTONI, Pedro (Org.). *Revistas do Modernismo 1922-1929*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2015.